

Filisteus em Canaã, uma cultura desaparecida?

As razões determinantes desta comunicação, que se integra num trabalho mais vasto sobre «O afrontamento civilizacional hebreo-filisteu na terra de Canaã», prendem-se, aqui e agora, com o facto de este I Simpósio Bíblico Luso-Espanhol se celebrar em Lisboa. É que, estando nós, os portugueses, a celebrar o V centenário dos descobrimentos marítimos, lembrei-me que já os filisteus no séc. XII a. C., eram também considerados como «Povos do Mar» pela sua tarefa marítima no Mediterrâneo oriental.

Outra razão é chamar a atenção, sem quaisquer intuítos políticos ou partidários, mas apenas culturais, para a incoerência do designativo «palestinianos», com que o formalismo actual, e não só, tantas vezes classifica os árabes que, na antiga terra de Canaã, se opõem aos israelitas. Talvez o equívoco resida no facto de se ver a história de viés como se, por razões de precedência histórica, os árabes, hipotéticos sucessores dos filisteus, tivessem direito contra os israelitas, descendentes de hebreus. A ser assim os árabes, chamados palestinianos, seriam os legítimos possesores da terra de Canaã ocupada pelos filisteus (*Pilishtim*) e que, com a subjugação dos hebreus pelos gregos e romanos, se ficou a chamar *Palestina*. Ao levantar o problema da cultura dos verdadeiros filisteus de antanho, certamente que a questão ficará esclarecida e se verá que os árabes palestinianos, histórica e culturalmente, nada têm a ver com os filisteus.

Do ponto de vista metodológico, sem que, à partida, tivesse a intenção de aplicar o princípio da interdisciplinaridade, de facto, por via de consequência, como prática em estudos desta natureza, tive de conjugar dados literários da Bíblia e da cultura egípcia com elementos da história e arqueologia.

O Povo Filisteu

Por duas vezes na Bíblia (Salmos 60 (59), 10; 108 (107), 10), ao falar-se dos inimigos de Israel, povos gentios com que os hebreus tiveram de confrontar-se na terra prometida de Canaã, diz-se com especial ênfase: «Sobre a Filisteia cantarei Vitória!» Não pode, tão-pouco, ignorar-se que os hebreus conseguiram lançar sobre os filisteus o apodo de gente reles, boçal, como se pode ver em alguns dicionários¹. Mas, quando na parte histórico-narrativa da Bíblia se esperava o relato das vitórias hebraicas, deparamos com uma certa angústia que só foi ultrapassada com David. Os filisteus constituíram, antes, para os hebreus, segundo a Bíblia, um autêntico síndrome bélico, quase desde a conquista de Canaã, isto é, no arco diacrónico do século XII ao X a. C., aparecendo ainda oráculos contra os filisteus nos profetas posteriores a essa data (Is 14,28-32; Am 1,6-8; Jer 47,1-7; Ez 25,15-17; Sof 2,4-7; Zac 9,5-7).

Que Filisteia, portanto, é esta e que cultura tinham os Filisteus?

Foi a arqueologia, ultimamente, com suas descobertas, que veio chamar a atenção sobre os filisteus, a respeito dos quais tínhamos algumas informações na Bíblia e em textos monumentais egípcios que os apontam entre os «Povos do Mar».

1. As fontes egípcias e os Povos do Mar

Com os textos egípcios, a respeito dos «Povos do Mar», parece que deveríamos falar de duas vagas ou ondas de povos invasores.

1.^a onda — Com este nome, as *Cartas de Tell Amarna* (séc. XIV a. C.) e os *Anais de Ramsés III* (séc. XIII a. C.) já referem os «Povos do Mar», entre os quais se contam os Sherden que, depois, aparecem como mercenários no exército egípcio. Um texto do faraó Merneptah (cerca de 1235-1223) relata que os Povos do Mar tentaram invadir o Egipto no 5.º ano do seu reinado (c. 1230) aquando a revolta da Líbia². É sabido que, em 1269, Ramsés II do Egipto e Hattusil III dos Hititas concluíram um tratado de paz, mas o que é certo é que o império hitita caiu cerca de 1200, apesar

¹ *Petit Larousse en couleurs*, Paris, 1987: «Philistin. Personne à l'esprit vulgaire, fermée aux lettres, aux arts, aux nouveautés».

² JAMES B. PRITCHARD, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 2.ª ed., Princeton, Princeton University Press, 1961 (A.N.E.T.).

de o rei Suppiluliuma pedir apoio a Ugarit e ao Egipto. Ugarit caía pouco depois. Qual a razão destes desmoronamentos políticos? Divisões internas? Fome? A invasão de povos estrangeiros (Povos do Mar)?

Os Povos do Mar aparecem, pois, no mediterrâneo oriental, vindos da Ásia Menor ou das ilhas, quando as duas potências da zona, hititas e egípcios, estavam militarmente enfraquecidas; preenchem, assim, um certo vazio político, tentando invadir as áreas dos hititas e egípcios; contudo, nesta primeira onda, não aparecem os filisteus.

2.^a *onda*. É referida nos relevos do templo de Medinat Habu, Tebas, no Egipto, mandado construir pelo faraó Ramsés III (c. 1198-116 a. C.) e no grande papiro de Harris (British Museum) datado do fim do reinado de Ramsés III³. Esta onda de povos «estrangeiros que vinham do seu país e das ilhas do meio do Grande Verde», oriundos, certamente, do Mar Egeu, Creta, Grécia e Ásia Menor, aparecem no sudeste mediterrânico nos finais do Bronze recente. Ramsés III teve de os enfrentar no oitavo ano do seu reinado (c. 1191) em batalha marítima à entrada do Delta do Nilo e em terra na zona costeira do Sinai. Ignoram-se as razões da emigração dos Povos do Mar que avançam organizados, invasores, entre os quais se contam Pileshet (Filisteus), Tiekker (Teucos, de Tróia), Zakkala, talvez os Shekelesh (de Sagalassos, Ásia Menor ou os Sículos da Sicília), Denyen ou Danuna (Danaios, da Grécia) e Weshesh, citados no papiro de Harris. Seriam estes povos autóctones dos lugares donde provinham ou viriam já de outras terras? Teriam fugido também eles diante de outros povos invasores? Seriam acicatados por razões económicas ou, como povos nómadas, procurariam terras mais ricas?

Sabe-se que a resistência de Ramsés III os atirou para o país de *Djahi*, nome com que os Egípcios designavam a costa baixa de Canaã e da Fenícia, onde, de facto, a Bíblia vai situar os Filisteus. De resto, o funcionário egípcio Wenamon, enviado a Biblos à procura de madeira do Líbano para a barca de Amon-Re no Templo de Amon, cerca do ano 1000, conta como encontrou em Dor, actual costa da Palestina, os sobreviventes dos Tiekker⁴.

³ A.N.E.T. *Israel e Judá. Textos do Antigo Oriente Médio*, São Paulo, Edições Paulistas, 1985; J. ALBERTO SOGGIN, *Storia d'Israele*, Brescia, Paideia Editrice, 1984.

⁴ A.N.E.T., *Israel e Judá, o. c.*, p. 37.

2. A Bíblia e os Filisteus

A designação «Povos do Mar» não é registada na Bíblia a qual, em contrapartida, abunda em referências aos Filisteus.

O livro do *Gênesis* (10,14), na Tábua dos Povos, fá-los descendentes do Egipto e liga-os aos Caftorim, talvez por saber que vieram do Egipto depois de saírem de Caftor, vulgarmente identificada com a ilha de Creta (Dt 2,23; Am 9,3; Jer 47,4). O profeta Sofonias (2,5) equaciona o país dos Filisteus com a terra dos Sheretitas, e Ezequiel (25,15-17) supõe que os dois nomes sejam sinónimos.

Aparecem ligados à história de Abraão, já em Canaã. A ser assim, Abraão teria vivido em terra de filisteus, em Beersheba, após a aliança com Abimelek, rei de Gerar (Gen 20,34). Mas este passo bíblico é, sem dúvida, uma nota anacrónica, só possível a um redactor bastante tardio, guiado pelo quadro geográfico-etnológico posterior, e que sabe que, na realidade, os filisteus tinham habitado aquela região costeira de Canaã.

O livro de *Josué* refere os filisteus no capítulo 13,3, apontando os cinco distritos filisteus (Gaza, Ashdod, Ashqalon, Gat e Eqrn). Trata-se, porém, dum texto interpolado à luz da história posterior. Curioso é que Josué, na conquista de Canaã, nunca se tenha confrontado com os filisteus.

O livro dos *Juízes* aduz as lutas de dois juízes com os filisteus. Primeiro é Shamgar (Jz 3,31), de quem se diz ter desafiado 600 filisteus com o agulhão de tocar os bois, narrativa que não parece passar de uma anedota lendária e deslocada (Cfr. 2 Sam 23,11-12). Depois, são as narrativas épico-lendárias das lutas de Sansão com os filisteus (Jz 13-16), sem que nunca tenha havido qualquer batalha em forma. Mas, em verdade, Sansão é apenas um herói épico que emblematiza as guerras posteriores dos hebreus com os filisteus, numa autêntica antecipação do David histórico. Nas catacumbas romanas da *Via Latina*, os cristãos não se envergonharam de pintar, lado a lado, o herói lendário grego Hércules (cubículo N) e o herói bíblico Sansão (cubículo F) tomando-os como figuras emblemáticas da luta do mal e do bem⁵.

É nos livros de *Samuel* que, literária e belicamente, os filisteus aparecem em toda a sua força. E é pela força bélica, pela quali-

⁵ FABRÍZIO MANCINELLI, *Catacombe e Basiliche. I primi cristiani a Roma*, Firenze, Scala, 1987, p. 37.

dade do seu armamento, pela arguta estratégia do seu comando que eles vão ser o estímulo e a causa impulsionadora para os hebreus se constituírem em monarquia, a ver se encontram um rei que se lhes consiga opor. O confronto foi negativo no tempo de Saúl, mas os hebreus acabaram vitoriosos com David. Daí advém o triunfalismo posterior dos Salmos, o qual, todavia, não parece ter sido muito real, dado que alguns profetas, mais tarde, não deixarão de apresentar oráculos contra os filisteus, e Nabucodonozor ainda os teve de enfrentar na marcha contra o Egipto (Jer 47,1-8).

3. *Haverá uma cultura filisteia?*

Deixo de lado o problema da proveniência dos filisteus e toda a questão da identificação de Caftor, mas aceitando, por pressuposto, que seja a ilha de Creta. Aliás, nem a tese de Alessandra Nibi que faz vir os povos do mar das tribos do Nilo, nem a de Jurgen Spanuth, que vê neles Proto-germanos emigrados da Dinamarca, têm qualquer verosimilhança ⁶.

No final do Bronze recente, quando, com toda a probabilidade, os filisteus chegaram a Canaã, esta terra era uma amálgama étnico-política, onde se haviam instalado, já no começo do II milénio a. C., as tribos semitas do oeste, os chamados amorreus (*amurru*).

A Bíblia, porém, às populações locais ora chama cananeus ora amorreus. Segundo Num 13,29, os cananeus viviam nas terras baixas, enquanto os amorreus e outras populações, Jebuseus e Hititas, ocupavam as colinas e os planaltos. Em termos geográficos latos, Canaã estende-se desde a Fenícia, com Tiro e Sidon, actual Líbano, até ao Wadi de Gaza, o rio do Egipto, sempre ao longo da zona costeira mediterrânica e alargando-se até ao rio Jordão. As cidades Cananeias ⁷ causarão a admiração dos espíões hebreus enviados por Moisés: «o povo que habita aquela terra é poderoso ... as cidades são grandes e fortificadas» (Num 13,27-33). Quando da conquista da terra Prometida de Canaã, o livro de Josué (12,7-24) enumera trinta e um reis vencidos.

⁶ GUY RACHET, *Dictionnaire de l'archéologie*, Paris, Robert Laffont, 1983, p. 748.

⁷ ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES, *Instituições democráticas nas cidades cananeias da Idade de Bronze* (à luz da arqueologia e da escrita), separata da «Revista de História Económica e Social», 1987.

Por sua vez, os filisteus, chegados do mar, sem grande resistência dos cananeus, divididos e dispersos em cidades-estados, ocuparam cidades já estabelecidas à beira mar, como Gaza, Ashdod, e fundaram outras de novo, como Tel el Far'ah, no Negev, e Gezer, Eqrone, Tel Qasileh na planície costeira da Shefelah; mais no interior, ocuparam Meggido, Afulah, e, junto do Jordão, Beth Shean e Deir 'Alla. Famosa, depois, ficou a pentápole filisteia de Gaza, Ashdod, Ashqalon, Eqrone, Gat, espécie de anfictionia de cinco distritos mas onde cada cidade era governada por um chefe (*Seren-Tyranos*), formando, embora, uma confederação colegial para a guerra.

Os filisteus acabaram por se semitizar ou fenicizar, e nada sabemos da sua língua e cultura, apesar de há pouco se ter descoberto em Ashdod uma inscrição atribuída aos sécs. XII-XI a. C., que ainda não se conseguiu decifrar.

As fontes egípcias de Medinat Habu apresentam os filisteus de elevada estatura e é por elas que os vamos caracterizar.

Quanto à *figura*, são altos, de nariz alongado, raramente barbados, possivelmente indo-europeus, não semitas.

Quanto à *veste*, usam corseletes ou couraças estriadas com faixas, talvez de couro ou metal, cruzadas sobre o peito à maneira de costelas. Vestem saiote curto, tipo escocês, listado com largas bainhas e borlas. Na cabeça usam capacetes de penas com gorro de couro e preso por correia debaixo do queixo, mais decorativos que defensivos.

Quanto às *armas*, servem-se de escudos redondos, agarrados pela parte de dentro, bem distintos dos rectangulares usados pelos egípcios, empunham lanças e espadas foliadas com nervura, típicas do mediterrâneo oriental, e montam em carros ligeiros de duas rodas (bigas de cavalos) e também em carros puxados por bois. Os barcos em que se fazem transportar têm a ré em forma de cabeça de aves, não têm remos mas empregam velas quadradas com um só mastro, o que dá a impressão de serem embarcações lentas e mal apetrechadas para resistir às velozes galeras egípcias.

Todos estes elementos, segundo Barnett, nos levam a um pano de fundo que revela afinidades tipológicas e paralelos do mundo egeu (Egeus de Enkomi, tipos micénicos).

4. *Testemunhos Bíblicos sobre a cultura filisteia*

Os exegetas modernos estão de acordo em considerar tardias e lendárias as narrativas do livro dos Juízes (5,6; 13-16) sobre as lutas de Sansão e dos filisteus. Estes, no séc. XII a. C., teriam ocupado a zona costeira de Canaã, sobretudo naquela parte baixa, por isso chamada Shefelah. Tal ocupação territorial teria impedido a tribo de Dan de se apossar do espaço que lhe fora inicialmente atribuído, obrigando-a, por consequência, a deslocar-se para norte. Historicamente, parece que só no fim do período dos Juízes (séc. XI) é que a pressão filisteia se tornou constante e ameaçadora para a tribo de Judá (Jz 15,11). A partir de então, um longo período de lutas se vai travar entre os filisteus e a tribo de Judá, que lhes ficará contígua; essas lutas só terminarão quando David conseguir vencer os filisteus, como narra o 2.º livro de Samuel.

O primeiro grande embate entre filisteus e Hebreus foi o de Eben-Ezer (1 Sam 4-5), quando os filisteus apreenderam a Arca da Aliança. Em seguida avançaram até Silo (Jr 7,12-14; Sl 78,60-61), tomaram Meggido e Beth-Shean, estabeleceram guarnições militares em Gibeia e Benjamim (1 Sam 10,5; 15,3) e ainda conseguiram impor a Israel o monopólio do comércio do ferro (1 Sam 13, 19-21), dominando os hebreus não só do ponto de vista militar mas também económico.

Deste modo, o período áureo do domínio filisteu em Canaã vai, pois, da metade do séc. XI até ao séc. X a C., tendo apenas sofrido o revés de Masfa com Samuel (1 Sam 7).

Por parte dos hebreus, a instauração da monarquia vai surgir como uma necessidade de força concentrada para resistir aos filisteus. Pensava-se que um rei, pela sua capacidade de direcção, conseguiria organizar um exército forte e comandá-lo com eficácia: «Dá-nos um rei que nos governe, como têm todas as nações» (1 Sam 8,5), pois, diziam ainda: «o nosso rei administrará a justiça, marchará à nossa frente e combaterá por nós em todas as guerras» (1 Sam 8,20). Só que o rei Saúl não foi bem sucedido (1 Sam 13,4), sofreu a derrota de Micmas (1 Sam 14,31) e nem a vitória do jovem David sobre o gigante Golias (1 Sam 17) conseguiu a paz, e, finalmente, Saúl foi derrotado e morto em Gelboé (1 Sam 28-31).

Feito rei, David, que conhecera por dentro as tácticas bélicas dos filisteus e a sua organização militar a quando do exílio junto do rei Akish de Gat (1 Sam 21,12-16), fixou-se em Hebron e, a princípio, comportou-se como vassalo dos filisteus. Tendo, porém, con-

quistado Jerusalém, lançou-se então contra os filisteus unindo todas as tribos de Israel numa campanha de vida ou morte (lutas no vale de Refaim, em Gibeá, 2 Sam 5,18) até ocupar terras filisteias na região de Ghezer (2 Sam 5,25; 8,1; 1 Cron 18,1). Depois virou-se para as terras filisteias do norte ocupando as suas praças na planície de Yesrael (1 Re 4) que foram plenamente integradas na administração territorial de Salomão.

Da cultura material filisteia, a Bíblia realça o monopólio da fabricação do ferro, como se tivessem sido os filisteus a introduzi-lo em Canaã e isso constituísse o segredo da sua superioridade sobre os hebreus, sobretudo por causa do armamento bélico em carros e armas: «Ora em toda a terra de Israel não se encontrava um ferreiro, porque os filisteus se tinham precavido para que os hebreus não fabricassem espadas ou lanças. Por isso, todos os israelitas tinham que acudir aos filisteus para afiar a relha, o enxadão, o machado ou a foice. Quando o fio das relhas, dos enxadões, dos forcados ou das cunhas se embotavam, para os aguçar tinham de recorrer a eles. E, chegando o dia do combate, não se encontrou nem lança nem espada nas mãos da gente que acompanhava Saúl e Jónatas. Apenas Saúl e o seu filho Jónatas estavam munidos dessas armas» (1 Sam 13,19-22). A descrição do armamento de Golias é um belo exemplo do armamento filisteu: «Trazia na cabeça um capacete de bronze e no corpo uma couraça de escamas, cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. Tinha perneiras de bronze e um escudo de bronze defendia os seus ombros. O cabo da sua lança era como um cilindro de tear, e a sua ponta pesava seiscentos siclos de ferro» (1 Sam 17,5-7). Será curioso assinalar aqui que toda esta armadura se assemelha à dos soldados micénicos que nos aparece pintada nos vasos de guerreiros de Micenos dos sécs. XIII-XII a. C.

A cultura religiosa dos filisteus aparece perfeitamente assimilada à dos cananeus, até no culto dos deuses: Dagon (Jz 16,23; 1 Cron 10,10), Baal Zebub (2 Re 1,2), a deusa Astarte, grande deusa-mãe de Canaã (1 Sam 31,8-13). A Bíblia fala ainda de sacerdotes e templos em Gaza, Ashdod, Eqrón, Beth-Shean, alguns dos quais ainda perduravam no período helenístico (1 Mac 10,8) e são recordados por Diodoro de Sículo. Como prática religiosa, parece que os filisteus gostavam de levar imagens de deuses em carros de batalha (2 Sam 5,21), o que denota uma crença supersticiosa⁸.

⁸ M. DELCOR, *Philistins*, in «Dictionnaire de la Bible. Supplément», T. VIII, Paris, 1966, cols. 1223-1287.

5. Os dados da Arqueologia

Canaã, a Palestina, a Terra Santa ou Prometida tem sido o paraíso dos arqueólogos. Em 1914 já Macalister se preocupou com a cultura dos filisteus escavando no Tel de Ghezer. Recentemente, as escavações à procura dos filisteus estenderam-se a outros lugares: Tel Qasileh, Ashqalon, Ashdod, Tel Farah, Meggido, Beth Shean, Eqrôn⁹. Foi lá que Trude Dothan encontrou o material para os seus estudos¹⁰ esperando-se ainda este ano o aparecimento do relatório das escavações feitas em Eqrôn desde 1984-1988¹¹.

A cerâmica tem sido apresentada como verdadeira prova da cultura filisteia, designando-se mesmo «cerâmica filisteia». Trata-se, inicialmente, de uma cerâmica de barro fino, bem cozido, bem decorado a preto e vermelho sobre fundo branco com motivos geométricos (espirais e concêntricos, triângulos e zigue-zagues) com motivos onitológicos e ictiológicos, tendo as aves a cabeça voltada para trás e agitando as asas, e ainda palmas. Segundo Trude Dothan esta pretensa «cerâmica filisteia» passou por três fases que levaram à degenerescência: I fase: micénica; II fase: de degenerescência, III fase: assimilação total à grosseira cerâmica cananea. Na realidade, a arqueologia (estratigrafia) demonstra que quando os filisteus chegaram a Canaã já lá havia cerâmica de tipo micénico, cujas características a produção filisteia decalcou num primeiro tempo.

Do ponto de vista formal, os elementos cerâmicos mais abundantes são vasos redondos (*Kernoi*), jarros, crateras, pequenas figuras de mulher com braços levantados e sepulcros antropomórficos. Mas, depois do séc. x, até esta cerâmica se assimila à cananea como se vê em Tel Qasileh e Ashdod X.

Os altares de Tel Qasileh e Meggido, sendo notáveis, não trazem nada de novo do ponto de vista arqueológico. As últimas escavações de Eqrôn mostram a importância que a religião tinha na vida social da cidade, pois acharam-se dez altares.

1966, cols. 1223-1287; B. MAZAR, *The Philistines and the Rise of Israel and Tyre*, 2.ª Jerusalem Magnes Pres, 1964. *Philistines*, in «Encyclopedia Judaica», Vol. 13, Jerusalem, The Mcmillan Company, 1971, pp. 400-405.

⁹ M. YONAH AVI; E. STERN (Rds), *Encyclopedia of Archaeological excavations in the Holy Land*, 4 vols., Jerusalem, 1975-78, *passim*; MIRIAM MAGALL, *Archaeologie und Bibel, Wissenschaftliche Wege zur Welt des Alten Testaments*, Koeln, Dumont Buchverlag, 1986.

¹⁰ TRUDE DOTHAN, *The Philistines and their material culture*, Jerusalem, Israel exploration Society, 1982.

¹¹ JOAN POULIN, *Eqrôn, une grande cité des Philistins*, in «Le Monde de la Bible», Paris, n.º 59, 1989, pp. 51-53.

Mas, em Eqrón, o mais saliente das descobertas arqueológicas recentes é a localização duma «zona industrial» na área sul da cidade com autênticos lagares de azeite, com cubas rectangulares, rasoiras de pedra para esmagar as azeitonas e centenas de jarras para o azeite. Também foram encontrados utensílios agrícolas de ferro e grande quantidade de pesos de tear.

Parece, portanto, que, com o tempo e subjugados pelos hebreus, os filisteus viraram costas ao mar, assimilaram-se às populações cananeo-fenícias, distanciando-se dos hebreus, mas dedicando-se à agricultura. Nota especial merecem os selos que Garbini classifica de «selos filisteus»¹². Em 1978, Herr, procedendo à inventariação e classificação de 363 selos do I milénio na zona Siro-Palestiniense, atribuía 163 aos hebreus, 110 aos arameus, 46 aos amonitas, 20 aos fenícios, 9 aos moabitas, 8 aos edomitas e 7 incertos. Como se vê, esta classificação ignora em absoluto os filisteus. Foi então que o professor Garbini, de Roma, chamou a atenção para o problema e, à base da iconografia, tentou classificar como filisteus um pequeno número homogéneo de selos encontrados em Ashdod, Ashqalon, Tel Jemmeh e Tel Qasileh. São 16 selos com temas egípcios (cabeça humana com disco solar, *uraei* na parte superior e flor de lotus na inferior), onomástica pertencente à área do sul da palestina com projecções que levam a Chipre e à Assíria. Embora com temas egípcios, não têm figura humana e, como tais, diferem dos fenícios, aparentam-se a selos hebreus e amonitas mas, pela onomástica, não podem ser classificados como tais. Parece lógico que, pertencendo ao sul da Palestina, se atribuam à glíptica filisteia, já que a língua nos é desconhecida. Quando o profeta Miqueias, contemporâneo do rei Acáz (séc. VIII a. C.) aponta a cidade de Lakish, entre a Filisteia e a Judeia como «princípio do pecado da filha de Sião» (Miq 1,13), com certeza tinha em mente a osmose de ideias religioso-culturais que dos filisteus passavam para os judeus. Deste modo, pode já no catálogo dos selos de Moscati (1951) apontar-se um pequeno *corpus* de selos filisteus a que correspondem os n.ºs 17, 18, 20, 21. O escaravelho alado parece aqui típico dos filisteus e deles terá passado para os hebreus que o tomaram como símbolo do rei de Jerusalém.

¹² GIOVANNI GARBINI, *Philistine Seals*, in «The Archaeology of Jordan and other Studies», Michigan, Andrews University Press, 1986, pp. 443-448.

6. Complexidade do problema filisteu-fenício

Pensava-se que David, tendo vencido o gigante Golias, tinha eliminado esses «incircuncisos» filisteus. Mas, afinal, não é assim. Eles continuam a aparecer em oráculos dos profetas que, certamente, não se limitam, «por retro projecção», a repetir esteriótipos ultrapassados; aparecem também em textos assírios, egípcios e gregos. Logo, a sua presença na Palestina a que deram o nome, é uma realidade e a sua cultura não pode ser ignorada; embora assimilados aos pagãos cananeo-fenícios, não pode dizer-se que tenham desaparecido após o séc. x a. C.¹³

Na verdade, a Bíblia fala deles na história do reinado de Acaz, séc. VIII (2 Cron 28,18; cfr. Js 9,11), e nas condenações de Amós (1,6-8), Isaías (14,28-32), Jeremias (25,20; 47,1-4), Ezequiel (25,15-17), Sofonias (2,4-7); Zacarias (9,5-7).

Aparecem nas fontes assírias de Tiglat-Pileser III (cerca de 734 a. C.), quando das campanhas contra Gaza, e depois são descritos como pagando tributo a Sargão II (720-712). De facto, as pinturas de muro de Dur-Sharrukin (Khorsabad) lá mostram a tomada das cidades filisteias de Ashqalon, Ashdod, Egron, Gad (Cfr. 2 Re 18,8). Depois, o rei Senaquerib, 701 a. C., tornou a invadir o sul da Palestina e a tomar cidades como Ashqalon. Os filisteus teriam, então, participado no trato de escravos com os Fenícios (Cfr. Joel 4,4-7).

Após a queda da Assíria, os filisteus, sobretudo em Ashdod, sofreram a pressão egípcia (Heródoto 1,105,157). O filisteu Neko conquistou Gaza, c. 609/608 (Heródoto, 1, 159; cfr. Jer 47,1) e os filisteus uniram-se a ele contra Nabucodonosor que, por sua vez devastou Ashqalon em 604 a. C. e deportou os reis de Asdod, Ashqalon e Gaza (listas de Babibólia; cfr. Jer 25,20; 47,2-7; Sof 2,4-7 e Zc 9,5-6). Em Saqqarah (Egipto) foi encontrada uma carta escrita em aramaico do rei Adu de Ashqalon para o faraó.

¹³ JEAN-BERNARD LIVID, *Les Philistins*, in «Bible et Terre Sainte», Paris, n.º 167, 1975, pp. 2-17; MARIO LIVERANI, *Antico Oriente. Storia, Società, Economia*, Roma/Bari, Editori Laterza, 1988; SABATINO MOSCATI, *L'orient avant les Grecs*, Paris, Presses Universitaires de France, 1963; NORMAN K. GOTTWALD, *As tribos de Iaveh. Uma sociologia da Religião de Israel liberto 1250-1050 a. C.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986; *The Penguin Encyclopedia of Ancient Civilizations*, Ed. Arthur Cotterell, Londres, Penguin Books, 1980; FRANCOLINO GONÇALVES, *L'Expédition de Sennachérib en Palestine dans la littérature hébraïque ancienne*, Paris, J. Gabalda, 1986.

Nos períodos persa e grego, as cidades filisteias surgem ainda mas com uma população muito miscegenada, perdendo-se depois o rasto dos filisteus e ficando deles apenas o nome na Palestina.

Conclusão

Os filisteus não são um povo lendário. São um povo histórico, com sua cultura própria que, pouco conhecida, não pode ser ignorada ou desprezada. Não se pode dizer, pelo facto de não se lhes conhecer a língua e a escrita, que tenham sido totalmente assimilados pelos fenícios. Sabemos que, de facto, influenciaram e, durante algum tempo, dominaram os hebreus junto dos quais desenvolveram a cultura do ferro e fomentaram, inicialmente, uma cerâmica de grande qualidade e inspiração micénica. O estudo dos selos (escaravinhos) parece permitir afirmar que teriam inspirado os dos reis de Judá.

É possível que, assimilados aos fenícios, e até antes deles, em navegação pelo Mediterrâneo, tenham sido agentes da orientalização que se verifica em achados do sul da Itália, Sardenha¹⁴ e até no sul da Península Ibérica, trazendo para «aqui elementos micénicos (Cfr. achado micénico de Sevilha, e de Uña Blanca em Cádiz)¹⁵.

Mas, esta problemática já se prende com o tema das agitadas navegações do Mediterrâneo oriental e sua relação com os «Povos do Mar», sobre os quais, neste momento, tenho mais interrogações que respostas.

GERALDO J. A. COELHO DIAS

¹⁴ WILLIAM CULICAN, *O comércio marítimo nas primeiras comunidades do Levante*, Lisboa, Editorial Verbo, 1966; OLAF HOEKMANN, *La navigazione nel mondo antico*, Milão, Garzanti, 1988; GIOVANNI GARBINNI, *Exploratori e mercanti non greci nel Mediterraneo occidentale*, in «Magna Grecia Prolegomena», (Ed. G. Pugliese) Carratelli, Milão, 1985.

¹⁵ *Historia de España*. Vol. 2: *Colonizaciones y formación de los pueblos prerromanos (1200-218 a. C.)*, Madrid, Editorial Gredos, 1989.